



O Corpo de Deus

em Penafiel

Textos

Alunos do 4º ano do Ensino
Básico do Município de Penafiel

Ilustrações

Joana Santos
Vera Pereira

Museu Municipal de Penafiel

O Corpo de Deus em Penafiel

Alunos do 4^o ano do Ensino Básico do Município de Penafiel

ficha técnica

título: O Corpo de Deus em Penafiel

textos: Alunos do 4º ano do Ensino Básico do Município de Penafiel

ilustrações: Joana Santos e Vera Pereira

agrupamentos de escolas: D. António Ferreira Gomes, Joaquim de Araújo, Paço de Sousa, Penafiel Sudeste e Pinheiro

projeto: Pelouro da Cultura e Pelouro da Educação

edição: Museu Municipal de Penafiel

composição e execução gráfica: Invulgar - Artes Gráficas

data: junho 2015

tiragem: 1000 exemplares - 1ª edição

ISBN: xxx-xxx-xxxxx-x-x

depósito legal: xxxxxx/xx

sumário

- 7** Apresentação
Presidente da Câmara Municipal de Penafiel
- 9** O Cortejo do Carneirinho
Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste
- 13** A Cavallhada
Agrupamento de Escolas D. António Ferreira Gomes
- 19** Os Bailes
Agrupamento de Escolas de Pinheiro
- 23** O Estado do São Jorge
Agrupamento de Escolas de Paço de Sousa
- 29** A Procissão do Corpo de Deus
Agrupamento de Escolas Joaquim de Araújo



Apresentação

É com especial agrado que vemos novamente concretizada mais uma edição dos trabalhos dos alunos do 4.º do Ensino Básico do Município, elaborados desta feita em torno da celebração do Corpo de Deus em Penafiel.

A partir de cinco ilustrações alusivas a diversos elementos que compõe a nossa festa do *Corpus Christi*, cuja tradição o Município de Penafiel mantém viva há vários séculos e que ainda hoje detém características únicas no país, os alunos do 4.º ano dos cinco Agrupamentos Escolares do concelho construíram as suas próprias narrativas, agregando sinergias em torno deste património imaterial e do seu Museu Municipal, consolidando assim a preservação, a promoção e a divulgação da sua própria identidade e memória.

A exemplo da edição anterior, dedicada aos afectos do Dia dos Namorados, esta iniciativa envolveu um esforço conjunto muito alargado, com a participação de 37 escolas e de cerca de 800 alunos, numa dinâmica rica e complexa, onde todos puderam aportar a sua contribuição na elaboração dos textos agora publicados, cada um deles iniciado, continuado e concluído pelas diversas escolas e pelas suas diferentes turmas, envolvendo as nossas crianças num fantástico trabalho de equipa.

Uma vez mais agradecemos o esforço e a colaboração dos cinco Agrupamentos Escolares do Município, bem como de todos os professores e alunos envolvidos neste projecto educativo coordenado pelo Museu Municipal de Penafiel, que foi distinguido, na edição anterior, com uma das dez Menções Honrosas no *V Prémio Ibero-Americano de Educação em Museus*, atribuída pelo programa internacional *Ibermuseus* de entre mais de 130 candidaturas provenientes de 14 países.

Assim vos convidamos a testemunhar o talento e a imaginação dos nossos alunos que, por sua vez, vos dão aqui a conhecer um pouco do que é a celebração do Corpo de Deus em Penafiel, dias de festa únicos que valem bem a pena descobrir e desfrutar.

O Presidente da Câmara Municipal de Penafiel
Antonino de Sousa

Cortejo do Carneirinho

Parabéns
Professora!

Viva a
Professora!

Obrigada
Professora!

Viva o
Carneirinho!



O Cortejo do Carneirinho

Agrupamento de Escolas de Penafiel Sudeste

Centro Escolar de Cans

Escola Básica de Lomar

Centro Escolar de Abragão

Escola Básica de Boelhe

Centro Escolar de Cabeça Santa

Escola Básica de Peroselo

Numa tarde de primavera, andava o senhor Joaquim a apascentar a suas ovelhas quando o seu neto, o Carlos, um menino muito curioso, depois de terminar as aulas, foi ter com ele ao campo.

– Olá, avô!

– Olá Carlos. Já terminaste a escola? – perguntou o avô.

– Já avô! E tu, já vais encerrar o rebanho?

– Já. Por hoje já pastaram o suficiente!

– Olha avô, hoje lá na escola a professora falou de uma tradição que se costuma fazer, pela altura do Corpo de Deus, que é o Cortejo do Carneirinho. Tu também participavas, na tua altura?

– Sim Carlos. Essa festa é muito antiga e faz parte das tradições do nosso concelho! É uma tradição única no nosso país.

– Avô, fala-me mais dessa festa...

– Vamos para casa e lá conto-te tudo...

O Carlos e o avô chegaram a casa e, após um merecido lanche, continuaram a conversa sobre o Carneirinho.

– Quando eu andava na escola primária, à qual vocês agora chamam de escola do primeiro ciclo, na aldeia onde nasci, os nossos pais levavam-nos em cortejo,

até à cidade. Compravam um carneirinho, enfeitavam-no com florinhas de papel, decoravam um cestinho com produtos da terra e ofereciam tudo à senhora professora, como forma de gratidão pelo carinho, dedicação e educação que esta nos dava. Esse cortejo realizava-se no dia anterior ao feriado do Corpo de Deus, que é uma grande romaria das nossas gentes.

– E como é que vocês iam até à cidade? – perguntou o Carlos.

– Íamos a pé, pois não havia transportes como hoje em dia. Era um dia de grande alegria. Cantávamos e exclamávamos frases como: *“Viva a professora! Viva a nossa escola! Viva o carneirinho! Parabéns, professora! Obrigada professora!”* Estas frases eram escritas em cartolinas.

– Porquê um carneirinho? – insistia o rapaz, muito curioso.

– A professora recebia o carneirinho que, depois, servia de alimento para ser degustado nas Festas da Cidade e do Concelho. E, como forma de agradecimento, a professora dava-nos um lanche em sua casa, com muitas guloseimas. Era mesmo divertido!!!

– Oh avô, tu disseste que durante o cortejo cantavam quadras. Lembras-te de algumas?

– A minha memória já está um pouco fraca mas a tua avó ainda as sabe de cor.

– Avó canta lá umas quadras, para mim.

Então, a dona Alzira, a avó, uma senhora sempre sorridente, começou a cantar algumas quadras:

*“Ao entrar na relva
Achei um carrinho
Com letras que dizem
Viva o Carneirinho!”*

*Ao brincar na relva
Achei uma bola
Com letras que dizem
Viva a nossa Escola!”*

– Que engraçado! – exclamou o neto, contente.

Carlos continuou com o seu interrogatório:

– E agora, ainda fazem essa festa?

– Claro que sim! As crianças vão para o Cortejo do Carneirinho, em Penafiel, só que já não vão a pé. Agora está tudo mais moderno! Vão em carrinhas, enfeitadas, com os cartazes com aquelas frases todas. As carrinhas chegam ao Largo da Feira, passam pela rua principal da cidade, pela Câmara Municipal, onde está o senhor presidente e a sua equipa a ver, passam pelo Largo da Ajuda e pelo edifício do Museu Municipal de Penafiel.

– Os passeios devem estar a rebentar pelas costuras, com muita gente a ver...

– É verdade, muitas centenas de pessoas concentram-se para poder ver o cortejo. O nosso concelho é muito rico em tradições. É através destas manifestações, destas memórias do povo, como romarias, costumes, cantares, entre outras, que ficamos a conhecer a nossa identidade como povo de uma região ou país.

O rapaz, cada vez mais fascinado com esta riqueza cultural, continuou a questionar os avós:

– Fala-me da Festa do Corpo de Deus em Penafiel, avô.

– A Festa do Corpo de Deus é muito linda. Há uma grande procissão, que começa na Igreja Matriz e vai até à Igreja do Sameiro. A procissão tem muitas figuras e leva muito tempo a passar.

– Muito interessante. Sabem, acho que vou fazer uma visita ao Museu de Penafiel. Lá posso ver muitas coisas antigas que se faziam na nossa região. E quando se realizar o Cortejo do Carneirinho também quero ir ver.

– Boa ideia Carlos. Nós iremos contigo ao museu e assistir ao desfile do Carneirinho. Assim vamos reviver essas tradições. – sugeriram os avós.

– Que bom! Vou tirar muitas fotografias e mostrá-las aos meus colegas da escola, sobretudo ao meu amigo Tomás. Ele anda a estudar na minha escola e não conhece nenhuma tradição da nossa terra. Assim, ficará a conhecer duas de várias tradições que fazem parte da nossa identidade penafidense!

Passadas algumas semanas realizou-se a Festa do Corpo de Deus, com a tradicional procissão e com o Cortejo do Carneirinho. O Carlos e os avós misturaram-se na multidão, que se apinhava nos passeios, e puderam admirar momentos únicos da tradição do seu concelho, que é Penafiel. Foi um fim de semana bem passado!

A Cavalhada



A Cavalhada

Agrupamento de Escolas D. António Ferreira Gomes

Centro Escolar de Penafiel

Escola Básica de Regadas

Escola Básica de Milhundos

Escola Básica de S. Martinho

Escola Básica do Souto

Escola Básica de Castelões

Escola Básica de Croca

Escola Básica do Cruzeiro

Escola Básica de Pedrantil

A manhã apareceu na janela, levantei-me e corri para o roupeiro. Afastei a pilha de cabides. Lá estava ele, semeado de pontos e rendas, com um belo laço que atava atrás da cintura. Que beleza! Dei-lhe um abraço. O barulho da porta do quintal empurrou-me para o dia. Desci as escadas de madeira a correr.

– É hoje! É hoje!

A minha mãe sorriu.

– Ainda é muito cedo.

– Vou ser um anjo, vou ser um anjo...

– Calma! Senta-te para comer os cereais!

Rodopiei à volta da mesa: as flores, as cores, a multidão e os sons que se faziam nas ruas da minha linda cidade ferviam na minha cabeça.

– Mãe, quem inventou a Cavalhada?

– Contou-me a minha avó que o dia do Corpo de Deus iniciava às sete horas da manhã, com salvas de vinte e um tiros e repique de sinos que despertavam os penafidelenses e os convidavam à festa. Às dezasseis horas, a Cavalhada era anunciada por girândolas de foguetes, saía da Rua do Carmo, extremo da cidade velha, e dirigia-se à Câmara Municipal passando pela Rua do Carmo, Direita, do Paço - onde podemos, agora, admirar o premiado Museu Municipal de Penafiel -, Largo da Ajuda, Rua Serpa Pinto e Praça Municipal.

– É por isso que não passa na nossa rua!

– O cortejo terminava com a Figura da Cidade, o delegado do povo vestido de guerreiro, com o escudo redondo em que estavam pintadas as armas da cidade de Penafiel, que, acompanhado de duas meninas vestidas de branco, era transportado num landau ou sege, puxada por duas parelhas de cavalos brancos. Uma vez chegada à porta da Câmara, esta figura alegórica erguia-se e, sem descer do carro, pedia silêncio para poder saudar os edis que se encontravam na varanda principal.

– Eu também vou nesse landau...

– Claro que vais, e é uma honra! É uma tradição criada antes dos meados do século XIX. Esta Figura é uma verdadeira personificação da cidade, representação da voz do povo que saúda, vangloria e justifica o poder municipal, e depois o encarna, triunfal, no alto do seu carro, agarrado à lança, em pose de guerreiro vitorioso pairando sobre uma nuvem de crianças.

E a mãe continuou a explicar:

– Os versos variaram um pouco ao longo dos anos. Se os primeiros conhecidos eram pessoalizados e, portanto, feitos especificamente para cada ano, posteriormente adotou-se uma fórmula mais vaga que pode ser, sem incongruência, repetida por alguns decénios. Trata-se de uma série de décimas em redondilha maior, com rimas emparelhadas e interpoladas, ao gosto da época.

*“Presidente esclarecido
Deste município honrado
É seu povo afortunado
Por vos ter elegido.
De virtudes revestido
A sua glória fazeis
Se o cargo que regéis
Deveis a vossa eleição
Ao vosso bom coração
Ainda mais o deveis (...)”*

A saudação declamada em 1884, que ainda era utilizada em 1926, quando Abílio Miranda fez recolher à Biblioteca Municipal a cartolina em que estava escrita, compõe-se de três décimas de esquema rimático desigual. Como não tem dedicatória personalizada pode recitar-se anos a fio, e repete-se ainda hoje:

*“Por entre louca alegria,
O entusiasmo, a devoção
Que a magnitude do dia
Nos vem pôr no coração,
Venho ativo e contente,
Em nome da boa gente
Que sabiamente regeis,
Prestar-vos grande preito
D´homenagem e respeito,
Que só se presta aos reis.*

*A quem sempre tem pugnado
Pelos interesses do povo
Venho agora, de novo,
Prestar-lhes veneração.
Neste meu arrazoado
Não há palavras banais.
Há ecos bons e leais.
A verdade incontestável,
O sentimento invejável
Do nosso bom coração.*

*Um viva, pois, boa gente,
Aos nossos bons protetores!
Aos ilustres vereadores
Desta fiel cidade
Curvando-nos reverentes
Perant'êstes bons senhores.
Não lhe prestamos favores,
Prestamos-lhes a homenagem,
Que é como uma imagem
O símbolo da lealdade.”*

Após este espalhafatoso número das festas, entravam a exhibir-se, à vez, cada um dos bailes. Os Mestres das respetivas danças, à medida que iam atuando, ofereciam flores ao Presidente da Câmara...

- Onde está o meu cesto das flores? Será que a avó se esqueceu?
- Sossega...

Com a mão direita remexi e voltei a remexer os cereais de chocolate, na tigela branca, com gatos pretos sorridentes enroscados em macios tapetes vermelhos, que o tio Francisco me ofereceu pelo sétimo aniversário. O tilintar da colher, na tigela de porcelana ecoava por toda a cozinha.

– Então?

– Desculpa, estava a pensar se a variedade floral também existia no século dezanove...

– Claro que sim, usavam-se as flores disponíveis na época, e olha que nesses tempos eram obrigados a contribuir para a realização das Festas do Corpo de Deus todos os indivíduos que, pelos seus ofícios, se encontravam integrados (ou se poderiam vir a integrar) nas antigas corporações medievais. A sua contribuição, para além do aspeto monetário, consistia essencialmente na obrigação de apresentar uma dança ou baile que representasse a atividade artesanal da referida corporação, o que acabava, também, por ser uma forma de louvar a Deus...

E continuou:

– Esse Baile das Floreiras e todos os outros, únicos no país, que se mantiveram ao longo dos anos, como o dos Ferreiros, dos Pedreiros, dos Turcos, dos Pretos ou dos Pauzinhos, são um exemplo de preservação do nosso património, da nossa identidade e da nossa memória cultural.

– São muitos...

– É verdade, mas isso já é outra história...



Baile das Floreiras



Baile dos Ferreiros



Baile dos Pretos



Baile dos Turcos



Baile dos Pedreiros



Baile dos Pauzinhos

Os Bailes

Agrupamento de Escolas de Pinheiro

Escola Básica da Calçada

Escola Básica da Torre

Escola Básica de Valpedre

Escola Básica da Portela

Olá! Conhecem Penafiel? As suas tradições e costumes? Vamos lá saber se sim ou não. Nós achávamos que sim! Mas...

Somos alunos do quarto ano de escolaridade, do Agrupamento de Escolas de Pinheiro, e estamos aqui para vos apresentar um pouco da nossa História, das nossas origens, do nosso património cultural. Sabem o que é “Património Cultural”? Parecem palavras muito difíceis!

O nosso património cultural corresponde ao conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que são considerados de interesse para a permanência e para a identidade da cultura de um povo. Ou seja, património é tudo aquilo que nos pertence. É a nossa herança do passado e o que construímos hoje. É obrigação de todos nós preservar, transmitir e deixar todo esse legado às gerações vindouras.

É curioso! Só hoje nos apercebemos que, na realidade, conhecemos pouco sobre as tradições do nosso concelho. E são as nossas tradições e costumes, o nosso património cultural, que nos permitem conhecer as nossas origens. São a nossa identidade. E para a conhecer, nada melhor que conversar com as pessoas que já contaram mais primaveras e têm mais experiência e conhecimentos.

E foi isso que fizemos! Deixamos esta pequena história em aberto e fomos pesquisar.

A primeira coisa que vimos foi que os nossos pais e avós, as pessoas mais velhas, ficavam muito contentes quando falavam das tradições e costumes dos penafidelenses. Até ficaram com brilho nos olhos! Parecia que estavam apaixonados pelo passado! Eram

as suas melhores memórias! Com as nossas pesquisas ficamos a saber que a semana do Corpo de Deus em Penafiel é sempre inesquecível! É repleta de cor, alegria, diversão e muita magia! E é com um enorme orgulho que veem esta tradição ser preservada e até melhorada de dia para dia! É, com certeza, um grande marco cultural.

O entusiasmo com que se referiam ao Cortejo do Carneirinho, a que todas as famílias assistem, era contagiante. A procissão do Corpo de Deus, carregada de fé, é motivo para que as pessoas se levantem muito cedo para arranjar um lugar com boa visibilidade. Dessa maneira podem ver de mais perto São Jorge e o Dragão. Os meninos e meninas vão renovar os seus votos de fé, trajados de acólitos, com uma forte presença dos tempos passados, uma vez que são transportados num carro puxado por gado bovino e todo ele muito engalanado. As crianças, por seu lado, atiram flores a quem espera ansiosamente por as ver.

É maravilhoso conhecer as nossas tradições e, mais ainda, vivê-las! Mas as tradições não ficam por aqui. Muito há para contar! Uma das tradições do Corpo de Deus são os bailes ou danças que integravam a procissão.

No Livro do Tombo consta que, além de toda a população religiosa, eram obrigados a contribuir para a realização das festas do Corpo de Deus todas as pessoas que, pelos seus trabalhos, se encontravam integradas nas antigas corporações medievais. A sua contribuição, para além do dinheiro, eram obrigados a apresentar uma dança ou baile que representasse a atividade artesanal da referida corporação, ou mesmo outra dança que lhe fosse imposta por deliberação no Livro do Tombo das festas. Ninguém podia negar-se a participar no baile ou dança, caso contrário teria de pagar uma coima.

As danças eram fruto da fantasia, da imaginação dos habitantes locais que pretendiam oferecer novas sensações à população. Por vezes copiavam de outros, o que não era correto.

Nos dias de hoje realizam-se os seguintes bailes: Baile dos Ferreiros, Baile das Floreiras, Baile dos Pretos, Baile dos Turcos, Baile dos Pedreiros e Baile dos Pauzinhos. Bailes que continuam a atrair muitos penafidelenses e outros visitantes. Estes bailes, que eram comuns a todas as procissões do país, têm vindo a desaparecer. No entanto, o Município de Penafiel tem vindo a recuperar e a apoiar esta tradição secular, o que faz deste cortejo profano da procissão um elemento de riqueza cultural único no país.

O dia do Corpo de Deus inicia-se com a missa solene na igreja matriz, e de tarde decorre a majestosa procissão do Corpo de Deus, com a saída da referida igreja. É de salientar que esta procissão começou a ser realizada no ano 1657, famosa por juntar no mesmo cortejo o profano e o cristão. O carácter religioso desta procissão tem um vínculo muito forte, pelo simples facto de estar ligado às festividades do Corpo de Deus.

Esta festividade é de fulcral importância para a fé cristã e foi difundida por toda

a Europa, desde a época medieval. Ela simboliza um dos pilares da fé cristã: na Eucaristia, o pão e o vinho, pela consagração, realizam a presença de Jesus em corpo e sangue, como este prometera aos apóstolos na última ceia.

Também Portugal adotou a procissão do Corpo de Deus, elevando-a a um patamar de grandeza e solenidade ímpares. Para incrementar a fé no povo, a procissão foi tomando aspetos e aparatos espetaculares. Os grupos de danças estão no início da procissão. Embora não atuem durante o cortejo, emprestam ao mesmo uma riqueza de tradição e cor apreciadas pelas gentes locais e forasteiros.

Os Ferreiros e Pedreiros apresentam-se em contraste colorido, de vermelho e branco. Os primeiros têm como acessório as espadas, que são essenciais à composição coreográfica da sua dança. Uma coroa de flores, que, em combinação com o traje, servem de segurança a um véu branco esvoaçante sobre as cabeças, o qual produz um belo efeito durante a dança, tornando esta mais rica em movimento.

Os Pedreiros baseiam a sua coreografia no «pico», ferramenta usada para lavar a cantaria, que à sua dança empresta compasso, ritmo e som.

As Floreiras portam ramos de flores e cestas de verga, vestem trajes típicos das gentes do campo.

Os Turcos apresentam-se com indumentária típica dos mouros, numa mescla colorida de azul, amarelo e vermelho. Portam como arma uma espada curva de corte muito apurado - a típica cimitarra árabe, usada por estes em suas campanhas bélicas. Os guerreiros cristãos, trajados conforme os usos da Idade Média, são os seus antagonistas na exibição de dança.

Os «Pretos», além da caracterização, trajam estampados garridos e colares típicos das vestimentas e ornamentos africanos no geral. Apresentam uma coreografia de cariz complicado, de onde surge uma tecelagem de fitas à volta de um mastro, que, quem observa, não sabe bem como tal foi possível!

Muitos andores com santos, estandartes de confrarias religiosas, representações bíblicas, o clero, e, com destaque, o pálio sob o qual é levado o Santíssimo em Sua custódia. Finalizando a procissão surgem as autoridades civis, de que se destaca o Presidente da Câmara Municipal, seguidas do povo em geral. As festividades continuam com programação variada, a gosto dos jovens e das pessoas mais maduras.

Ao almoço, os penafidelenses reúnem-se em seus lares com alguns convivas e familiares para saborear o tradicional anho assado, com batatas e arroz de forno. O vinho verde, que acompanha repasto e é apreciado por penafidelenses e forasteiros, é uma das imagens de marca da região.

O Estado do S. Jorge



O Estado do São Jorge

Agrupamento de Escolas de Paço de Sousa

Escola Básica de Avinhó

Escola Básica do Monte

Escola Básica de Coreixas

Escola Básica do Mosteiro

Escola Básica de Figueira

Escola Básica de São Lourenço

Escola Básica de Fonte Arcada

Escola Básica de Lagares

Numa tarde de Outono, os alunos do 4^o ano do Agrupamento de Escolas de Paço de Sousa partiram, entusiasmados, em direção ao Museu Municipal de Penafiel para aprofundar os conhecimentos sobre o nosso concelho.

Decorria a nossa visita quando Emanuel se deparou com uma bela escultura. Surpreendido, olhou para a responsável que os acompanhava e perguntou-lhe o que estava ali representado. Ela respondeu-lhe que se tratava de uma escultura gótica de pedra de Ançã, pertencente ao património do museu, que estava na Ermida de São Jorge, da freguesia de Marecos.

Disse-lhe também que retrata a lenda da jovem filha do rei Silene, que arrasta, preso pelo cinto, o dragão que a queria devorar e que São Jorge tinha matado. O Emanuel, repentinamente, interrompeu-a:

– Ah! Agora entendo porque vejo o São Jorge a cavalo na procissão de Corpo de Deus, com a sua guarda de honra!

– Por que motivo a imagem de São Jorge é tão importante nesta festa, se o padroeiro de Penafiel é São Martinho? – questionou a Mariana.

A guia sorriu ao ouvir esta pergunta e respondeu:

– Tem sentido a tua questão. Realmente São Martinho é o padroeiro de Penafiel e, por esse motivo, no dia 11 de novembro é feriado em Penafiel, e durante dez dias, de dez a vinte de novembro, principalmente em dias de feira e aos fins de semana, as ruas de Penafiel ficam repletas de gente e de alegria. Mas São Jorge já

foi patrono e defensor do reino de Portugal, daí a sua presença ser tão valorizada na procissão. Segundo algumas informações, os Cruzados ingleses que ajudaram o Rei D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa, em 1147, terão sido os primeiros a trazer a devoção a São Jorge para Portugal, embora só no reinado de D. Afonso IV de Portugal o uso de “São Jorge!” como grito de batalha se tornou regra, substituindo o anterior “Sant`Iago!”. Outro facto importante, relacionado com a nossa História, era que o santo D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino, considerava São Jorge o responsável pela vitória portuguesa na Batalha de Aljubarrota. O Rei D. João I de Portugal era também um devoto do santo, sendo no seu reinado que São Jorge substituiu Santiago como padroeiro de Portugal. Em 1387, ordenou que a sua imagem a cavalo fosse transportada na procissão do *Corpus Christi*.

Entretanto, alguém disse:

– Mas eu nunca ouvi falar de nenhum São Jorge... com tanta importância! Alguém sabe mais sobre o que ouviu?

Olharam uns para os outros com cara de espanto e encolheram os ombros.

– Esta história é muito antiga – interveio a professora. Faz parte das memórias que os nossos antepassados nos deixaram de património e vocês nem sempre são curiosos para perguntar aos vossos avós, pais, ...

– Na imagem de São Jorge aparece um dragão puxado por um cadeado... e falou de uma lenda... pode falar-nos mais sobre isso? – perguntou o José.

– Claro, mas como o próprio nome indica é apenas uma lenda! Espero que saibam que as lendas são apenas...

– Histórias que não sabemos se são verdade ou mentira e que explicam algum fenómeno! – interrompeu com ar refilão o Eduardo.

Com um ar de graça, a Cidália (assim se chamava a guia) abanou a cabeça, como que concordando:

– Muito bem! É isso mesmo! Realmente São Jorge tornou-se um santo com muitos devotos, pelos seus milagres. Esta escultura é muito antiga e tem de ser muito bem conservada. Daí a forma cuidadosa como é tratada.

As crianças continuavam a ouvir com entusiasmo as explicações da guia, quando alguém entrou e se juntou ao grupo. Vinha vestido com uma capa e calças vermelhas bordadas a dourado. O cabelo era encaracolado e comprido, e à cinta trazia uma espada resplandecente e na mão um escudo.

De repente, instalou-se um silêncio profundo e no rosto de cada uma daquelas crianças transparecia uma curiosidade estonteante, sem saberem o que dizer. De bocas entreabertas, ficaram a admirar aquela imagem. Subitamente, a Beatriz indagou, ainda com a voz trémula:

– Será... será que é o São Jorge?!

Olharam uns para os outros e nada disseram, mas no meio daquele silêncio e, com uma voz forte, a “personagem” falou:

– Quereis conhecer-me?

– Sim! – disseram todos em coro.

– Sou São Jorge, o defensor de Cristo!

– Uau! – exclamaram em conjunto as crianças. Nem queriam acreditar no que viam. O entusiasmo foi tanto que todos queriam questioná-lo.

– Calma, calma meninos! Eu, como bom guerreiro cristão que fui, vou matar a vossa curiosidade. - disse São Jorge, também ele entusiasmado.

O primeiro a interrogá-lo foi o Bernardo:

– Já sabemos um pouco de si e dos seus feitos, mas pode falar-nos da sua origem?

– Claro que sim, meus caros! – respondeu prontamente São Jorge. Nasci na antiga Capadócia (Turquia) e, após a morte do meu pai, fui viver para a Palestina com a minha mãe. Entretanto, como fui promovido a Capitão do Exército, também fui nomeado Conde pelo Imperador romano, e com 23 anos fui viver na Corte Imperial, em Roma.

– Como é que de Conde se tornou um grande guerreiro? – perguntou João.

– Bem, sabem... é que eu apesar de fazer parte da suprema Corte romana, descobri que o Imperador tinha planos para assassinar todos os cristãos. E eu, como verdadeiro cristão e homem de fé, jamais poderia permitir tal maldade.

– Mas, e então, o imperador não se zangou consigo? – perguntou com curiosidade o Gonçalo.

– Oh meninos, nem sabem por que tormentos eu passei! O Imperador parecia o diabo em pessoa. Torturou-me, maltratou-me, fez de tudo um pouco para eu me render, mas eu nunca lhe dei esse gosto. – explicou orgulhosamente São Jorge.

– Como é que espalhou a fé cristã e levou os anciãos a acreditar nela? – questionou a Inês.

– Minha linda, muitas pessoas passaram a crer e a confiar em Jesus por intermédio da minha pregação. Esta minha devoção rapidamente se espalhou por todo o Oriente.

E o Bruno, muito intrigado, perguntou:

– E o dragão?! Qual é a verdadeira história do dragão?

– A verdadeira história do dragão surge com os habitantes de São Jorge, perto de Aljubarrota, que tinham outra versão de contar a história. – retorquiu a guia Cidália.

– Mas, afinal que história é essa? – perguntou o Carlos.

E ela respondeu:

– Essa história fala dos soldados de São Jorge que iam à Fonte dos Vales dar de beber aos cavalos. Nessa altura, aparecia o dragão que devorava os cavalos enquanto bebiam a água da fonte. Os soldados começaram a ter medo de serem comidos pelo dragão e recusavam-se a ir à fonte. Então, São Jorge dirigiu-se à fonte, deu de beber ao seu cavalo e quando o dragão surgiu, matou-o com a sua lança.

A partir daí, o dragão passou a chamar-se “Bicha Serpe”, que representa o símbolo do mal. A Helena perguntou à guia:

– A Bicha Serpe foi sempre igual à que vemos hoje em dia na procissão do Corpo de Deus?

– Bem... Isso terão vocês de descobrir... – respondeu a guia Cidália

– Isso sei eu... – ouviu-se uma voz envergonhada.

A professora reparou que tinha sido a Ana, a mais tímida do grupo e pediu-lhe para dizer o que sabia sobre o assunto.

– Um dia eu estava doente e a minha avó contou-me que, ao longo do tempo, o dragão nem sempre foi igual.

– Eia, a tua avó é que sabia coisas! – exclamou o Rui.

– E então? – perguntou ansiosa a Íris.

– A primeira era coberta por um pano verde pintado com escamas, cabeça de madeira, língua bífida vermelha e arrastada por uma corda. Passados mais ou menos cem anos passou a ter chifres e asas, na cauda eram penduradas silvas e debaixo do

pano verde com escamas iam rapazes a movimentar o corpo da bicha.

– Quem tratava da cauda devia levar cada picadela... – observou o Nuno.

– Esse deve ter sido o motivo pelo qual a Serpe seguinte não tinha silvas. Era movida por um trator, debaixo do pano a fazer de corpo, parecendo um dragão com asas e chifres.

– Ah! Então já entendo por que razão construíram a escultura de um dragão no Jardim do Calvário, em Penafiel. Foi para representar a ligação simbólica que a Serpe tem à nossa cidade. – disse a Mariana.

A guia explicou que a obra de 10 metros de comprimento e quatro de altura foi realizada, a convite da Câmara Municipal de Penafiel, por um famoso escultor chamado José de Guimarães.

– Eu lembro-me! – exclamou a Rita. No dia 21 de junho de 2014 eu fui a Penafiel com os meus pais ver a inauguração da Bicha Serpe. Sabem que, duas vezes por dia, deita vapor para interagir com as pessoas?

– É verdade, disse a guia. E desde já convido todos os que nunca viram a Bicha Serpe da nossa cidade a ir ao Jardim do Calvário vê-la, é linda, colorida e divertida.

Os alunos, entusiasmados, convenceram os professores a levá-los ao Jardim do Calvário para verem a famosa Bicha Serpe. Daí seguiram novamente para as suas escolas onde, ansiosos, pesquisaram acerca do que tinham descoberto.

Procissão do Corpo de Deus



A Procissão do Corpo de Deus

Agrupamento de Escolas Joaquim Araújo

Centro Escolar de Rans
Escola Básica do Cruzeiro
Escola Básica de Vila Verde
Escola Básica da Póvoa
Escola Básica da Torre
Escola Básica do Convento

Escola Básica da Boavista
Escola Básica de Covilhô
Escola Básica de Eirô 1
Escola Básica de Eirô 2
Escola Básica da Igreja

*“Aqui vamos contar a história
De uma pérola da nossa cidade.
Tudo começou em 1540
Com desejo de eternidade.*

*Uma festa muito católica
Que a todos faz espantar,
Vem gente de todo o lado
A procissão admirar.*

*Procissão do Corpo de Deus,
Que enche a cidade de alegria,
Onde o povo pode venerar
A santíssima eucaristia.*

*Em procissão seguem também
Trinta e oito cruzes enfeitadas.
Representam as freguesias
Pelo povo muito amadas.*

*Pelas mãos do Senhor Bispo
Segue um símbolo sagrado
Carregando o nosso Cristo,
Num ostensório dourado.*

*Aqui segue também
Uma comitiva de cavaleiros
Vestida à século XV
Com ares aventureiros.*

*O Carro Triunfal,
Os Bailes Tradicionais,
A Bicha Serpe
E o Boi Bento
Encantam os demais.*

*Ao som da banda de música
Sai a procissão da Igreja Matriz.
Percorre as ruas da cidade
Com um destino feliz.*

*O Santuário do Sameiro,
É esse o destino final.
Soltam-se as pombas brancas
Nesse dia especial.*

*E para finalizar,
Em jeito de magia,
Estouram foguetes no ar
Entoando alegria.”*

Um dia, no nosso Centro Escolar, ouvimos uma história que nos encantou! Falava de uma festa, do “Corpo de Deus”, na linda cidade de Penafiel.

Pés a caminho, aí fomos nós! Nem tudo foi fácil! À entrada da cidade deparámo-nos com o trânsito cortado e logo alguém informou que ia sair a procissão, uma das maiores e mais belas do país, a encantar desde 1657. E lá fomos caminhando e ouvindo:

– Percorre toda a cidade, é composta por centenas de figurantes. Os quadros bíblicos vão todos representados, bem como as crianças da catequese, todas as instituições religiosas e sociais do concelho, e os bailes, únicos no país... E o mais importante, o Santo Corpo de Deus, que desde o Santuário da Senhora da Piedade abençoa toda a cidade e todo o concelho.

Ah! Agora entendemos o porquê de tanta confusão de trânsito e os aglomerados de pessoas que seguem até à cidade, o estalar dos foguetes, as decorações da cidade, o cheirinho a algodão doce, as bandas de música do concelho todas presentes!

Sendo Penafiel terra de gente acolhedora e simpática, lá nos foram explicando que poderíamos saber muito mais sobre o património da cidade, suas memórias e sua identidade se fizéssemos uma visita ao Museu Municipal, um dos melhores da Europa, referia alguém que ouvia a conversa!

O entusiasmo era tanto, as novidades mais de mil, eis que de repente alguém comentou:

– Silêncio, já lá vem a procissão!!!!

Aos nossos ouvidos chegou uma bela melodia: a música era ritmada, compassada, dolente, que apelava ao silêncio e à reflexão. Ouviam-se também os cavalos a marchar e a trotar acompanhando o ambiente.

Os transeuntes afastavam-se das ruas, apertavam-se nos passeios deixando passar o “Baile dos Ferreiros”, “Os Soldados Romanos”, “Os Centuriões e os Cruzados”, “Os Santos e as Santas”, “Os Mendigos e os Afortunados”...

Numa mistura de quadros religiosos, aparecem quadros profanos, fazendo-nos lembrar que o nosso povo é feito de muitas religiões e muitas culturas!

Surge, enfim, a contornar a curva onde nos encontramos, a procissão... mas o mais intrigante é que na frente, frenética, a Serpe, ou melhor, a Bicha Serpe, abria a majestosa procissão. A introdução desta figura profana na procissão remonta há muitos e muitos anos atrás, havendo uma mistura da imagem da serpente e do dragão desde o reinado de D. João I, uma vez que foi no seu reinado introduzida em algumas procissões religiosas a imagem de São Jorge, como defensor da fé católica. Em Penafiel não foi exceção, e a figura de São Jorge, santo venerado pelos portugueses desde a fundação de Portugal, e, em especial, desde a vitória da Batalha de Aljubarrota contra os castelhanos, também faz parte da procissão do Corpo de Deus.

A lenda de São Jorge e o Dragão terá a sua origem num antigo militar romano que viveu no século III e que se converteu ao cristianismo. O São Jorge, que simboliza o Bem, segundo a lenda terá morto o Dragão, símbolo do Mal, com a sua lança, evitando dessa forma a morte de uma princesa, levando muitas pessoas a seguir a religião católica como agradecimento desse feito.

Esta lenda terá chegado a terras de Penafiel há muitos anos atrás, uma vez que no já falado Museu Municipal, existe uma escultura em alto relevo do século XIV, com a imagem do cavaleiro a matar o dragão, escultura essa proveniente da fachada da Ermida de São Jorge, em Marecos.

Com o passar dos anos, todas as tradições se vão mantendo, e tal como diz na letra do Hino de Penafiel *“De fidalgas tradições e pergaminhos, nosso orgulho e riqueza sem igual...”*. Penafiel orgulha-se das suas tradições e do seu património, procurando preservá-lo.

A procissão ainda vai no adro... Imponente e luzidio, conduzido por uma lavradeira vestida a rigor, segue o Boi Bento, grande e pachorrento, com a cabeça enfeitada e no pescoço uma larga coleira com campainhas. Logo atrás o Carro

Triunfal, uma espécie de trono, puxado por uma junta de bois com a figura simbólica da cidade no topo, um guerreiro apoiado na sua lança, empunhando um escudo com as armas da cidade. Nos degraus, sentadas, algumas crianças vestidas de branco, representando anjos, lançam sobre a multidão pétalas de flores.

A alegria também está presente, como não poderia deixar de ser numa procissão tão linda e importante. Nós gostamos do Baile dos Turcos, cujos participantes, caminhando lateralmente, embelezam com as suas vestes de guerreiros, predominantemente encarnadas a fazerem-nos regressar ao passado. Sempre acompanhados pelo som forte, cadenciado e melódico do clarim e do tambor, lá segue o Baile dos Turcos, parando aqui e acolá para fazer uma atuação, fazendo as delícias da população que entusiasmada, agradece sempre com grandes salvas de palmas.

Porém, com tanta beleza e simbologia retratada em cada pormenor, eis então que nos deparamos com o ponto mais alto deste dia, o centro, a passagem do Santíssimo Sacramento.

Debaixo do pálio, sustentado tradicionalmente por quatro ou seis varas, é transportado pelas mãos do Senhor Bispo, por intermédio de uma capa de asperges, um ostensório dourado que deixa visível a hóstia consagrada, para adoração dos fiéis e para dar a bênção eucarística. Sim, a importância do momento, o silêncio de cada gesto à sua passagem revelam que ainda permanece, em todos aqueles que acreditam, uma enorme paixão pela continuidade desta tradição.

Neste dia festivo toda a família se reúne à volta de um repasto próprio dos dias festivos, cumprindo-se a tradição do carneirinho assado no forno, e por onde quer que se passe, o seu delicioso odor invade as ruas da cidade e das aldeias. Ricos e pobres irmanam-se à volta de um mesmo cardápio, e o rei é o incontornável carneirinho.

Noutros tempos, o comércio tradicional, vulgo “vendas”, também abria as suas portas para quem sentisse a urgência em saciar o seu apetite por este manjar. E assim, entre a alegria do reencontro de toda a família, é em torno da mesa que se satisfaz o apetite e as saudades de entes que por vezes há muito não se veem, e que muito se querem, aconchegando-se em simultâneo o estômago e o coração.

– E então porque é que o carneirinho é o rei? – quem não conhece a tradição faz esta pergunta.

Todos os anos o Município de Penafiel comemora o Corpo de Deus – Festas da cidade e do concelho. Estas contam com um leque diversificado de atividades, desde

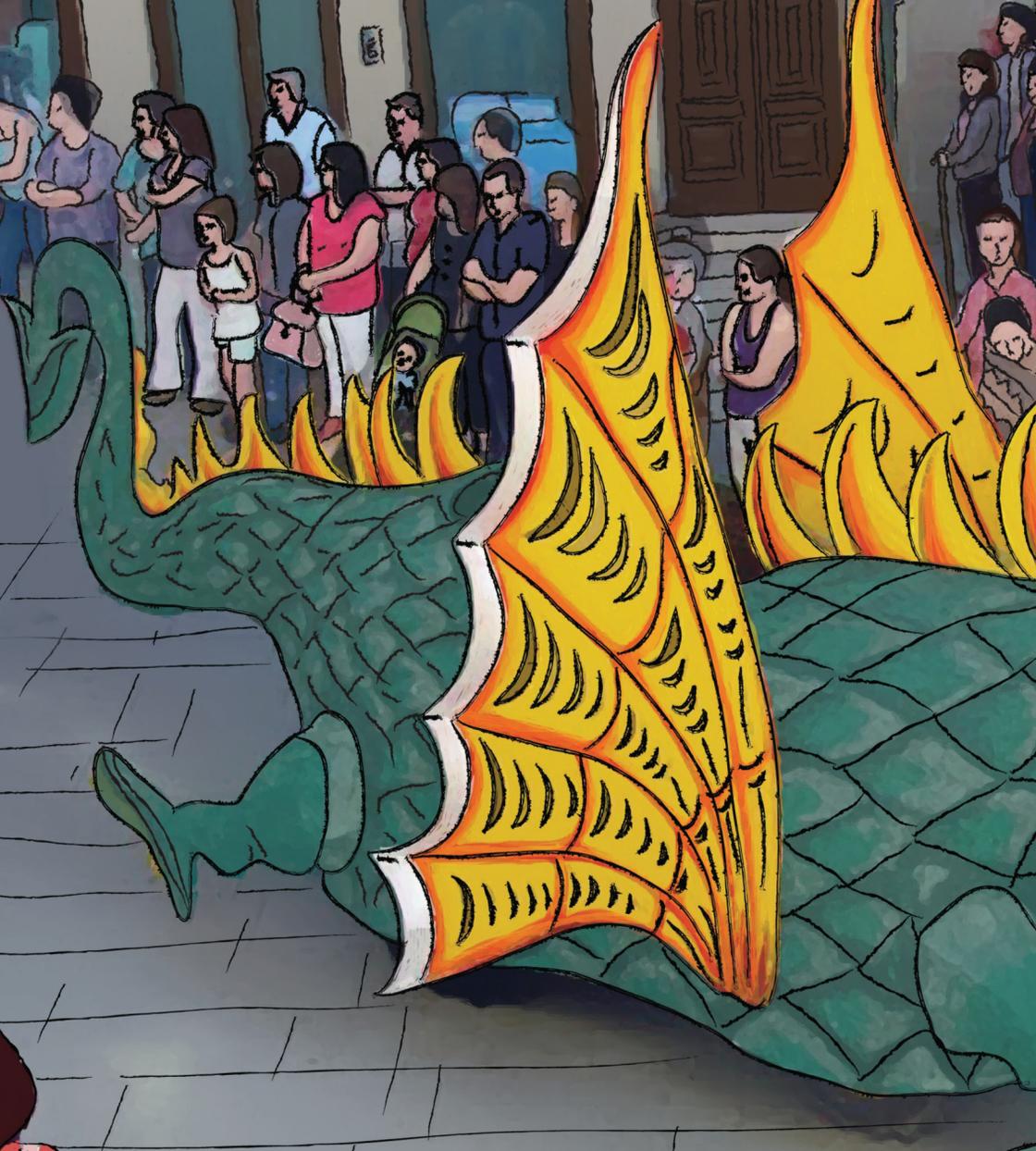
o tradicional Cortejo do Carneirinho, à Cavalhada e à majestosa Procissão do Corpo de Deus.

O Cortejo do Carneirinho é uma tradição centenária e única no país, que remonta ao ano de 1880 (século XIX), e que assinala o fim do ano letivo e o reconhecimento, simbólico, das crianças das antigas escolas primárias para com o trabalho dos seus professores. Na avenida principal da cidade desfilam dezenas de pequenos carneiros, embelezados com inúmeros arranjos e puxados pelos alunos dos jardins de infância e escolas do primeiro ciclo, que mais tarde são oferecidos aos seus professores, sendo um símbolo de gratidão e respeito.

No desfile predominam as flores de papel, de todas as cores, cobrindo as ruas de cor e alegria, para a delícia de miúdos e graúdos. Os alunos, orgulhosos, vestem também roupas de cores garridas, enquanto os grupos de bombos tradicionais de Penafiel vão ritmando o desfile. Alguns alunos exibem bandeiras, balões e cartazes com frases sobre os professores, ao mesmo tempo que cantam canções com letras alusivas ao carneirinho, à escola e “vivas” aos docentes. É a parte que as crianças mais gostam, poder gritar “vivas” àqueles que, durante o ano letivo, os incentivaram e ajudaram nos estudos, bem como ao famoso “carneirinho”:

– “Viva o Carneirinho! Viva a nossa escola! Viva a nossa professora!...”

O cortejo acontece de forma espontânea, com a Câmara Municipal a ter uma intervenção muito residual. Toda a organização é feita pelas escolas, pelos pais e pela comunidade escolar do concelho, preservando assim uma entidade deste concelho. Registos desta tradição ficam perpetuados no Museu Municipal de Penafiel, tão rico em património e memórias penafidenses.



Museu Municipal de Penafiel
Rua do Paço
4560-485 PENAFIEL
Tel.: 255 712 760

museu.penafiel@cm-penafiel.pt
www.museudepenafiel.com
www.facebook.com/museudepenafiel

museu
municipal de penafiel